



## **ST: O SERTÃO NÃO FICAVA À MARGEM DA “HISTÓRIA”: ASPECTOS DE CULTURA, SOCIABILIDADE E POLÍTICA (SÉC. XIX - XX)**

**Coordenadoras:**

**Maria Larisse Elias da Silva (UFF)**

**Ana Elizabete Moreira de Farias (UFPB)**

O objetivo deste ST é discutir temas que abordem aspectos relacionados à cultura, sociabilidade e política no sertão, entre os séculos XIX e XX. Este espaço de reflexão pretende reunir propostas que problematizem os diferentes meios de representar o sertão, levando em consideração as interconexões e redes relacionais construídas por sujeitos históricos envolvidos nos três segmentos supracitados. Interessa-nos esmiuçar os olhares em torno de como as culturas eram produzidas, como as sociabilidades sobreviviam no convívio social e como as práticas políticas eram constituídas. Entendemos que o sertão, longe de ser uma “representação” cristalizada por uma parcela de historiadores “clássicos”, era espaço de deslocamentos, de trabalho, de construção de sentimentos e de tormentas. Sendo assim, serão bem-vindos os trabalhos que abordem tais perspectivas e que reflitam sobre a ideia de que o sertão não ficava à margem do litoral.

## **A ARQUITETURA RURAL NO NORDESTE BRASILEIRO: ASPECTOS CULTURAIS NO SÉCULO XX**

**Agatha Larissa da Silva Coelho**

Arquiteta urbanista pela UNIFSM, pós-graduanda em docência do ensino superior pela UNIFSM- Centro

Universitário Santa Maria

[Agathacoelho981@gmail.com](mailto:Agathacoelho981@gmail.com)

**RESUMO:** Este artigo resulta de estudos acerca da arquitetura rural do nordeste brasileiro, mais específico da cidade de Lavras da Mangabeira no interior do Ceará, na qual é marcada por sua história de grandes famílias locais responsáveis pelo seu desenvolvimento urbano, o que influenciou na arquitetura bem como toda a cultura local, e a vida sertaneja mais simples das zonas rurais que se opõe aos estilos mais luxuosos do centro da cidade. O objetivo é expor e analisar aspectos construtivos da cultura local e buscar em meio a esses estilos, técnicas construtivas e materiais, opções que possam ser utilizadas de forma contemporânea na atualidade a fim de gerar mais opções a população quanto a suas edificações. Este estudo é relevante por aprofundar o conhecimento histórico, e observar aplicações que mereçam ser mantidas ou postas em práticas novamente.

**Palavras chave:** Arquitetura rural; Nordeste; Arquitetura nordestina; Coronelismo.



## 1. Introdução

A história de um lugar em conjunto com sua paisagem revela erros e acerto que levaram uma comunidade ou um povo a tornarem o que são, e as particularidades de cada local são de fato a identidade que explica a realidade atual. Estudar os aspectos históricos e arquitetônicos do local podem levar a compreender para onde a sociedade está caminhando e se existem aspectos para serem continuamente replicados (BRANDÃO, 2012).

No estado do Ceará, mas específico na cidade de Lavras da Mangabeira, há uma população de pouco mais de 30mil habitantes (IBGE, 2022), que possui uma forte cultura, apegos históricos e religiosos típicos do nordeste brasileiro. Nos últimos anos observa-se o aumento da pobreza no estado cearense, o que atrasa o desenvolvimento social, e dificulta o acesso dos moradores de baixa renda aos benefícios que a arquitetura e o urbanismo podem trazer (PORTAL G1 CE, 2023; ROCHA 2021).

Frente a tal situação, esse trabalho tem por objetivos através do estudo de como as pessoas viviam e construíam seus lares em épocas difíceis de seca e falta de recursos, aprofundando-se também nos aspectos sociais e de desigualdade de sua história, buscar entender como formou-se a arquitetura local, observando as técnicas, saberes e meios que possam ou não ser empregados na atualidade, a fim de beneficiar as famílias atuais com boas práticas na construção civil.

Esse trabalho é relevante no meio acadêmico tanto no âmbito da história como da arquitetura e urbanismo, ao buscar trazer visibilidade histórica ao interior do nordeste brasileiro de forma a manter viva a história de um povo na busca por meios técnicos para não permitir que se perca as características primordiais dos mesmos.

## 2. Referencial teórico

### 2.1 História do Nordeste e sua influência na construção da paisagem arquitetônica

A arquitetura do nordeste brasileiro está totalmente ligada à sua história e cultura das tradições, a forma de construir algo carrega consigo uma narrativa, mas um estilo arquitetônico nem sempre surge no local onde domina sua paisagem, e para Bernardes, nesse caso a história inicia-se com a colonização brasileira (BERNARDES, 2007).



De forma simplista arquitetura é a arte de construir, e a construção por sua vez possui aspectos culturais que proporcionam o vislumbre da história de um povo, do que se protegiam, como se abrigavam, símbolos de suas crenças, a relação com a natureza entre inúmeros outros aspectos (ARAÚJO,2008; MIGUEL, PEREIRA, 2009).

Antes do período da colonização (MENDONÇA, 2020) é certo que os povos nativos indígenas que habitavam as terras brasileiras possuíam seus modos de construir, com muita expressão, simbolismo e riquezas de conhecimento passados entre gerações (ARAÚJO; MIGUEL, 2008). Contudo essas configurações não predominaram na formação da paisagem nordestina como é observada até os dias atuais.

Quanto a colonização das terras que viriam a ser chamadas nordestinas se deu pelos povos europeus como portugueses, holandeses e franceses que buscavam dominar as terras para gerar lucro (ANDRADE,1986), ao passo que iniciavam suas vidas adaptando o antigo estilo de vida com os aspectos do território brasileiro, dando início ao cenário local.

Para Smith (2012) os portugueses conseguiram trazer as características da vida europeia quase que fidedignamente através da construção da Bahia, que muito se parecia com Lisboa, com casas de “andares salientes” construídas nas colinas, além dos colonos trazerem a técnica de Pau-a-pique para construir casas com barro, que até os dias atuais podem ser remotamente encontrados no interior de zonas rurais.

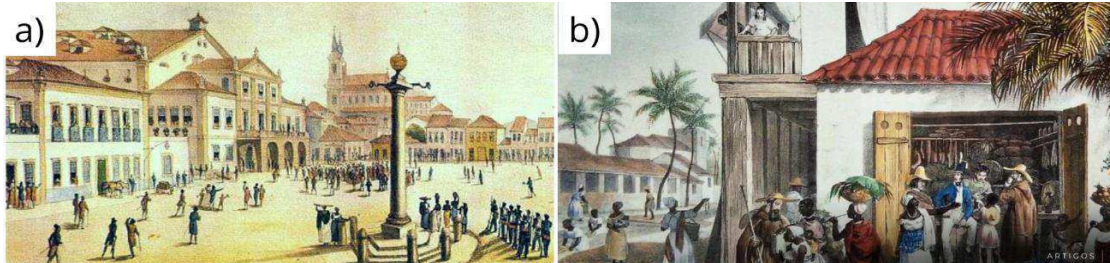
Contudo mais tarde foram empregados materiais como pedras, tijolos, telha cerâmicas e cal, azulejos que eram empregados nas igrejas e as pedras talhadas usadas como acabamento nos cunhais das esquadrias e frontões como demonstra a figura 01. (SMITH, 2012). Uma característica observável das casas são as esquadrias que ligam diretamente à rua, sem a presença de um jardim ou espaço de separação entre ambos os espaços.

Com o passar dos anos, as construções simples de pau-a-pique deram espaço para uma paisagem de grandes edifícios, que traziam consigo uma adaptação do estilo arquitetônico europeu barroco que buscava a imponente produzindo um cenário muito ostentoso.





**Figura 01:** a) Edificações com emprego de pedras nos umbrais das portas e janelas. b) Casarões com telhados cerâmicos e pintura a cal.



**Fonte:** a) Debret (1768-1848), b) “*Venta a Reziffê*” Coleção Brasil Biblioteca pública de Nova York Ruggendas, João Maurício, 1802-1858.

Esse período fora marcado principalmente pelas igrejas católicas, porém também pode ser encontrado em residências nobres, e edifícios públicos e chafarizes (Figura 02). Os ambientes bem como as fachadas eram repletas de detalhes, com esculturas, pinturas paredes bem trabalhadas por artistas da época (SMITH, 2012; GABE; GARMATZ; MASUTTI, 2016).

É importante ressaltar que as cidades que tinham maior poder comercial a exemplo de Salvador, construía igrejas utilizando materiais como ouro e madeira talhada tal qual a igreja de São Francisco (Figura 02), entretanto as cidades com menos poder aquisitivo tinham construções mais simples com marfim e mármore, e painéis de azulejos principalmente nas cores azul e branco, sendo que essa última, marcou a arquitetura do nordeste perdurando até o século XX (SMITH, 2012; GABE; GARMATZ; MASUTTI, 2016).

**Figura 02:** a) Exemplo de chafariz barroco em são José. b) Igreja de São Francisco em Salvador. c) Interior da Igreja de São Francisco adornado com ouro.



**Fonte:** a) Pequena Tiradentes.com, 2015 b) Guia de Destinos.com, Monique Renne, 2022. c) Guia de destinos.com, Monique Renne, 2022.



A força do estilo barroco propriamente dito aos poucos foi perdida, tendo como seu fim o marco da mudança da capital brasileira para o Rio de Janeiro, onde deu lugar para uma busca maior pela modéstia, sem esbanjar riqueza, remetendo-se as características da clássica arquitetura grega, na intenção de alcançar uma maior delicadeza na estética (SMITH, 2012). No Nordeste a formação cultural e arquitetônica seguia as linhas que traçara e a mudança do regime colonial para o coronelismo daria continuidade a essa história.

No início da colonização brasileira, a costa nordestina foi uma das primeiras extensões de terra a ser exploradas, sendo ocupadas desde meados do século XIV, com a longa história de desenvolvimento da colônia, as famílias europeias, os povos indígenas e escravos afrodescendentes, o desenvolvimento agrícola e pecuário, e a forte autoridade religiosa, juntos moldaram a cultura do nordeste até a passagem do colonialismo para o coronelismo (FORTUNATO, 2020), que por sua vez gerou a tradição das famílias agora com poder político, que direcionaram o desenvolvimento da região (ANDRADE, 1986), influenciando também a construção da paisagem dos estados brasileiros que compõem a região nordeste.

O período do coronelismo teve seu fim nos anos de 1930, deixando um grande legado tradicionalista das famílias fazendeiras, que detinham poderes políticos sobre as famílias de seus proletariados, portanto havia uma grande distinção no estilo de vida entre os dois cenários, fortemente evidenciadas na arquitetura, que ambas se desenvolviam ao mesmo tempo, porém contando histórias diferentes (NEVES 2023; MACHADO, 2016). Apesar de alguns aspectos religiosos e culturais serem compartilhado pelas famílias independente da classe social.

Os casarões dos coronéis eram construídos com tijolos de adobe, feito com terra crua, palha, e água que eram cozidos ao sol, devido a resistência do material as paredes eram grossas para sustentar o peso da estrutura das grandes residências, madeira de cedro e telhado cerâmico, quanto a estética, as fachadas eram trabalhadas com motivos de desenhos mais limpos comparados ao período de colonização, remetendo também ao neoclassicismo com a busca por desenhos mais simples sem perder o detalhamento estético (SMITH, 2022; AUGUSTO, 2015).

Foi na década de 1930 também, que a região nordestina foi estabelecida como tal, de início o termo ficou conhecido quando os aspectos da seca e crises financeiras levaram muitas famílias a migrarem para o sul, iniciando também incentivos de obras públicas para resolver essas problemáticas, e o cangaço que ao gerar perigo e desordem resultou na união de governo



dos estados que se situam desde a Bahia até o Ceará para combater esses grupos (JÚNIOR, 2013). Nesse ponto da história o sertanejo já tinha sua figura ligada ao sofrimento, fome e miséria, e a imagem dos coronéis, famílias tradicionais e riquezas do sertão havia sido apagada aos olhos do país.

Para Júnior (2013), no que se trata ao aspecto social, os papéis hierárquicos do nordeste fora construído pelos supracitados senhores de terras os antigos coronéis de famílias com grande poder político, aquisitivo e social, o vaqueiro que exerce trabalhos pastoris, o matuto que se refere ao morador da zona rural longe da vida na cidade, jagunços, matadores e cangaceiros com atividades criminosas, beatos que se refere a liderança religiosa e os retirantes que eram homens de extrema pobreza que com sua família migrava no período da seca em busca de sobrevivência.

Dentre esses, pode-se classificar três tipos de construções que desenham a paisagem nordestina no século XX, os edifícios públicos e religiosos da cidade grande, os casarões das famílias ricas, e as simples moradias das famílias isoladas na zona rural.

## **2.2 Ceará, um estado nordestino**

A exploração do território que formaria o estado do Ceará, se deu apenas a partir de 1604, isso ocorreu devido a fatores como a falta de conhecimento sobre as terras, e a resistência dos povos indígenas que lá abitavam, além questões de navegação dificultosas para acesso ao local (CHAVES, 2016). As terras então eram usadas apenas como rota de passagem para chegar em outros estados como o Maranhão.

De acordo com Pompeu; Tassigny (2004), foi através da pecuária que as terras foram colonizadas, formando-se fazendas de criação de bovinos que abriu um mercado para o desenvolvimento econômico que viriam a ser as primeiras cidades, os donos de terras comumente moravam na zona litorânea e as fazendas no interior ficavam por conta de um empregado responsável, além de ajudantes e alguns escravos, todos esses de vida simples, aos que possuíam casas, essas eram rústicas com pequeno espaço para plantio familiar.

A carne bovina charqueada, gerou muita economia para as fazendas, além de produção de solas, vaquetas e outros produtos do couro bovino, produzindo fortuna aos fazendeiros, formando sua figura social e política hierárquica e desenvolvendo as vilas formadas no interior, no qual foram investidas verbas em uma arquitetura que trazia traços europeus mas com a



simplicidade sertaneja, mesmo as igrejas que buscava se destacar entre as edificações, possuía traçado modesto em conformidade com o estilo de vida pastoril (CHAVES, 2016).

Os materiais locais eram empregados nas construções como as pedras, que retratava a simplicidade rural. Esses sistemas de construção rústico contavam com materiais locais como areia, terra crua, terra cozida, madeira e pedras, e as técnicas eram de pau-a-pique feito com terra e malha de madeira, taipa de pilão que usa a terra crua compactada, alvenaria de tijolo de terra cozida e a construção com pedras como demonstra a figura 03 (ARAÚJO, MIGUEL, 2008).

Entretanto, vale-se ressaltar que em alguns pontos estratégicos como Icó (Figura 03), Sobral e Aracati houve-se a preocupação com a estética, isso ocorreu devido a essas vilas serem passagem, que através do uso misto de técnicas e materiais a arquitetura foi trabalhada de forma mais imponente acarretando maior visibilidade a esses locais (CHAVES, 2016).

**Figura 03:** a) Casa de Pau-a-pique b) Casa de alvenaria com tijolo de adobe.  
c) Teatro Ribeira dos Icó's Icó - ce. d) Casa de Câmara e Cadeia Icó-ce.



**Fonte:** a) Arquiteta Débora Bonetto, 2018. b) Adriano Cesar Curado, 2012. C) e D): Bahia.ws, 2023.

Com o passar das décadas, em detrimento ao desenvolvimento econômico, social e político dos estados de sul e sudeste brasileiro, houve um desalento no fortalecimento do território nordestino, o enfraquecimento do cultivo de cana-de-açúcar, além de problemáticas com a seca que dificulta o plantio (BETETTE, 2022) e a desigualdade social discrepante entre



as poucas famílias detentoras de terras e dinheiro, e grande maioria dos sertanejos pobres contribuíram para o contraste da imagem do nordestino sofrido, e a ideia de atraso que foi difundida no país no século XX.

### **2.3 No Ceará, Lavras da Mangabeira, aspectos históricos e culturais que construíram a cidade**

Segundo a Prefeitura Municipal (2023), a cidade de Lavras da mangabeira que se situa a 340km da capital fortaleza, na mesorregião do centro-sul cearense, encosta da bacia do Rio salgado, conta seu início histórico entre o final do século XVII e início do século VXIII, iniciou-se uma exploração das terras desconhecidas do interior do Ceará, pernambucanos, baianos e paraibanos adentravam o território em busca de mineração, em 1712 foi permitida a caça ao ouro no vale do Cariri, organizadas pelos governadores em vigência na época.

Ainda de acordo com a supracitada Prefeitura lavrense (2023), a contar dessa situação, com a propagação do relato que havia ouro na região, muitas famílias mineradoras migraram para circunvizinhança, adensando a população dos territórios. Entretanto em 1758 o garimpo fora suspenso, isso ocorreu porque a corte portuguesa não sendo atendida em sua exigência por impostos sobre o minério, voltou-se contra a atividade exploratória, dispersando o trabalho e direcionando os labutadores a agricultura e pecuária.

Até meados de 1730, a única sede municipal próxima as terras que viriam a ser o povoado de Lavras era o Icó, no qual há muito fazia parte da rota de baianos e pernambucanos pelo estado. Através da intensificação do comércio de carne bovina novas vilas formaram-se, e Lavras da Mangabeira conseguiu seu desmembramento do município icoense em 1818 (PONTES, 2009).

A etimologia do nome da cidade se dá pelo trabalho de lavar os minerais e o local onde havia o minério, mangabeira, nome dado a uma árvore (*Hancornia Speciosa* GOMES), que é abundante no Nordeste, sendo igualmente o nome de um dos cinco distritos da atual cidade Lavrense. Para mais, em meados a todos esses acontecimentos político-sociais, nasceu a cultura local, advinda da religião católica que deu origem a crença do milagre do santo São Vicente Ferrér, situação na qual fora encontrado uma imagem embaixo de uma arvore de Juazeiro





(Ziziphus joazeiro), no local o qual fora construída a igreja matriz posteriormente (VIEIRA, 1994, PREFEITURA, 2023).

O coronelismo que para Galvão (2018), está sempre ligado a violência, jogadas políticas e tirania, também fez parte da história da cidade lavrense, sendo sua principal personagem Fideralina Augusto Lima (1832 - 1919), que através de suas raízes familiares exerceu forte influência sobre a sociedade da época, sendo intitulada como A matriarca do Sertão, Fideralina se destacou pelo papel feminino na política sendo lembrada até os dias atuais, seja de forma positiva pelas suas conquistas políticas ou negativa pelas histórias contadas sobre violência, mas fato é que conhecida por “alcançar seus objetivos” a mesma conseguiu influenciar as decisões políticas do estado cearense (SÁ, 2016).

### **3. Resultados e discussões.**

Através dos estudos apresentados anteriormente, foi feito um breve levantamento de edificações da cidade de Lavras da Mangabeira, a fim de elucidar os aspectos construtivos advindos do século XX observando-se características que possam ser replicadas atualmente.

Tratando-se do Centro da cidade, observa-se uma arquitetura imponente, em comparação a zona rural, trata-se das residências dos detentores de poder da cidade na época do coronelismo que sobrevivem contando a história da cidade até os dias atuais. Entre elas está a casa do clã Augusto, cujo pertencimento a Matriarca Fideralina, símbolo da forte influência da família, localizada na rua Santos Dumont, neste casarão pode-se notar a presença de muitas aberturas de esquadrias com grandes janelas, um pequeno espaço a céu aberto antes da entrada da casa, e pé direito alto causado pela altura do telhado, onde muitas vezes era aproveitado na construção de sótãos ou depósitos nas residências (ARAÚJO; MIGUEL, 2008).

As residências das antigas famílias demonstram sempre grande preocupação com a ornamentação de suas fachadas, aspecto esse que se perdeu ao longo dos anos das construções atuais, o pé direito alto permite a ventilação nas edificações que são geminadas, isto é unidas as casas vizinhas (TERRA, 2020), e jardins na entrada das residências também são observados nessas construções.



**Figura 04:** A) Casa do clã Augusto. B) Antiga clínica médica da Família Ferrér. C) Casa sem identificação dos donos.



**Fonte:** a) Wikimapia, 2023 b) Arquivo pessoal, 2023, c) Arquivo pessoal, 2023.

Em contraponto a esse cenário, as casas das zonas rurais possuíam duas vertentes, as de tijolos de adobe com alpendres em torno da residência ou apenas nas fachadas frontais, outra técnica construtiva que gera sombra e ventilação internas nas casas (CARVALHO; LEITE; FERREIRA, 2021). Além disso nessas construções era comum o emprego do tronco de carnaúba (*Copernicia prunifera*), em linhas de sustentação da estrutura dos telhados, devido a abundância da planta na região.

O piso por sua vez originalmente era feito de ladrilhos de barro, mas com o passar dos anos foram substituídos por cimento queimado (DINIZ, 2008), que no final do século XX e início do século XXI tornou-se característico da região, esse material também possui vantagens pelo baixo custo, pela sensação térmica fria que causa ao ambiente, além da limpeza fácil por não haver acúmulo de sujeira.

As chamadas casas de Taipa, ou pau-a-pique feitas de barro e troncos finos de árvore que as famílias mais pobres possuíam.

**Figura 05:** A) Casa de Taipa no Distrito Lavrense de Mangabeira. B) Piso de cimento queimado em casa do distrito de Mangabeira. C) Linhas de Carnaúba em telhado da antiga clínica dos Ferrér.



**Fonte:** a) Nilberto Henrick Silva Barbosa, 2023. b) Arquivo pessoal, 2023. C) Arquivo pessoal, 2023.

#### 4. Conclusão

Conclui-se que a história da arquitetura do séc. XX da cidade de Lavras da Mangabeira no Ceará, não apenas conta sobre um passado que resultou na paisagem das atuais, mas mostra uma arquitetura que perdurou gerações, e que alguns aspectos característicos podem ser replicados nos dias atuais, a exemplo do emprego dos troncos de carnaúbas como estrutura de telhados afim de diminuir o valor de obra, visto que a planta é abundante na região, a instalação de pisos em cimento queimado e ladrilhos de barro que quando bem empregados junto ao arquitetônico podem trazer um paralelo entre o contemporâneo e o antigo, sem perder o aspecto cultural.

Outro ponto a se destacar é o esmero em as fachadas, seja através de motivos decorativos, das esquadrias ou de jardins de entrada, esses detalhes além de culturais moldam a paisagem de um local permitindo que a arquitetura possa beneficiar de forma funcional e estética a cidade. Por fim, a preocupação com alturas, aberturas e alpendres que trazem maior ventilação para os ambientes internos e externos além de fazer parte da personalidade local geram qualidade ao espaço construído e devem ser adotados nos dias atuais.





Portanto, o estudo e análise da arquitetura do interior nordestino tem grande valia para acrescentar no estilo de vida atual, devendo ser cada vez mais aprofundado os conhecimentos de forma a garantir que as boas práticas da construção civil sejam replicadas nos dias atuais, buscando sempre qualidade de vida através dos erros e acertos da história local, sendo esse estudo relevante para a comunidade acadêmica e para as práticas profissionais dentro da arquitetura e urbanismo.

### Referências Bibliográficas:

ANDRADE, Manoel C. **A terra e o homem no Nordeste**. Editora Brasiliense. 1973. São Paulo.

AUGUSTO, Otávio. **Na era dos coronéis, muitas histórias aconteceram no interior do Maranhão**. **Correio Braziliense**. 2015. Disponível em: < [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/turismo/2015/07/23/interna\\_turismo,491654/na-era-dos-coroneis.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/turismo/2015/07/23/interna_turismo,491654/na-era-dos-coroneis.shtml) > Acesso em: 20 de setembro de 2023.

ARAÚJO, Fernanda S. G; MIGUEL, Jair D. **ARQUITETURA RURAL E CULTURA SERTANEJA NO RIO GRANDE DO NORTE**. 2008. Disponível em: < <https://econtents.bc.unicamp.br/eventos/index.php/eha/article/view/3781> >. Acesso em : 11 de agosto de 2023.

BERNARDES, Denis M.. **NOTAS SOBRE A FORMAÇÃO SOCIAL DO NORDESTE**. 2007. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ln/a/sqrVzP6vcvNqvzr4frCnKnC/> >. Acesso em: 11 agosto 2023.

BETETTE, Beatriz S. S. **Habitar o Sertão habitação e cultura sertaneja**. UFU. Uberlândia, 2022.

BRANDÃO, Carlos A. L. **Porque estudar história da arquitetura**. pós v.19 n.32. São Paulo, 2012.

CARVALHO, FRANCISCA M; LEITE, MARCELO R. O; FERREIRA, ANNA C. A. **Tipologia arquitetônica rural no sertão nordestino: uma análise sobre exemplares de residências rurais do município de Rafael Fernandes/Rn**. UNB. 2021. Disponível em: < <https://enanparq2020.s3.amazonaws.com/MT/22078.pdf> > Acesso em: 10 de outubro de 2023.

CHAVES, Luciane A. **História do Estado**. Editora INTA. Sobral, 2016.

DINIZ, Nathália M. M. **Velhas fazendas da Ribeira do Seridó**. FAU-USP. São Paulo, 2008. Disponível em: < <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-04032010-143402/publico/VelhasFazendas.pdf> > Acesso em: 20 de outubro de 2023.

FRANÇA, Lucélia M. **Visita ao casarão do coronel Felinto em Santana do Cariri-ce**. Portal de Comunicações do Cariri Oeste-Ceará Ubuntu Notícias. 2010. Disponível em <





<https://www.ubuntunoticiasce.com.br/2010/07/visita-ao-casarao-do-coronel-felinto-em.html>

>. Acesso em 20 de setembro de 2023.

FORTUNATO, Maria L. **O coronelismo e a imagem do coronel: de símbolo a simulacro do poder local**. Campinas, São Paulo, 2000.

GABE, Larissa; GARMATZ, Jtenifer A.; MASUTTI, Mariela C. **BARROCO: O ESTILO QUE CONSAGROU A ARQUITETURA E A ARTE BRASILEIRAS**. Unicruz. Rio Grande do Sul. 2016.

GALVÃO, André L. M. **O coronelismo na literatura: Espaços de poder**. UFRB. Cruz das Almas, 2018.

IBGE. Cidades e estados: Lavras da Mangabeira. 2022. Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ce/lavras-da-mangabeira.html> >. Acesso em 01 de dezembro de 2023.

JÚNIOR, Durval M. A. **Nordestino: A invenção do Falo**. Editora Intermeios. 2º Edição, São Paulo, 2013.

GOVERNO MUNICIPAL LAVRAS DA MANGABEIRA. **O município**. Lavras da Mangabeira.ce.gov. Disponível em: < <https://www.lavrasdamangabeira.ce.gov.br/omunicipio.php> > Acesse em: 15 de setembro de 2023.

MACHADO, Raphael S. **A CULTURA POLÍTICA DO CORONELISMO E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: ARAGUARI/MG - 1930/1945**. UFU. Págs. 123. Uberlândia, 2016.

MENDONÇA, Camila. **Ocupação e exploração de terras coloniais**. Educa Mais Brasil. 2020. Disponível em: < <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/colonialismo> > Acesso em 15 de setembro de 2023.

NEVES, Daniel. **Coronelismo**. História do mundo. 2023. Disponível em: < <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/coronelismo-no-brasil.htm> > Acesso em 15 de setembro de 2023.

PEREIRA, Renata B. **A definição de Arquitetura no Dictionnaire Historique de Quatremère de Quincy**. Editora: Revista Usp. Pág. 03 à 141. São Paulo. 2009.

POMPEU, Gina V. M.; TASSIGNY, Mônica M. **História de nossa gente**. INESP. Fortaleza, 2004.

PONTES, Lana M. V. **Formação do território e evolução político-administrativa do Ceará: A questão dos limites municipais**. IPECE. Fortaleza, 2009.



PORTAL GI. Mesmo após queda em 2022, mais da metade da população do Ceará ainda está na linha da pobreza. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2023/05/24/mesmo-apos-queda-em-2022-mais-da-metade-da-populacao-do-ceara-ainda-esta-na-linha-da-pobreza.ghtml>>. Acesso em 24 de outubro de 2023.

ROCHA, Maisa S. **Arquitetura não é para pobre! MAISA DA SILVA ROCHA 2021 \_ Ensino e prática popular, a experiência do Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da UFS, o Trapiche.** UFS, págs. 89. Laranjeiras, 2021.

SÁ, Jussara F. G. **ENTRE A SAIA E O BACAMARTE: MEMÓRIAS DE FIDERALINA AUGUSTO LIMA (1832-1919).** UFCG. Cajazeiras, 2016.

SMITH, Robert. **Robert Smith e o Brasil - vol. 1 – Arquitetura e Urbanismo.** As artes na Bahia - I parte. Livraria Progresso Editora. 74p. Salvador. 1955.

TERRA, L. M. **Aspectos projetuais, construtivos e de desempenho de empreendimentos residenciais de casas geminadas.** UFRJ. Rio de Janeiro, 2020.

VIEIRA, Neto R. D. **Cultura da Mangabeira.** EMBRAPA. Aracaju, 1994.

---

## **A SECA QUE ASSOLA, DEVASTA E TRANSFORMA O PANORAMA SOCIAL DO SERTÃO: UMA ANÁLISE DA CIDADE DE ICÓ-CE DURANTE OS ANOS DE 1877 E 1879**

Joelson Ramalho Rolim  
Professor Efetivo da SME do Baixo/CE  
[joelsonramalho@hotmail.com](mailto:joelsonramalho@hotmail.com).

**RESUMO:** A seca incorpora uma das pautas que canaliza o sertão aos grandes debates que norteiam o panorama político, econômico e social, especialmente no final do século XIX. O Ceará tornou-se um dos cenários específicos para às disputas de interesses das elites oligárquicas perante o despontar e surgimento das novas frentes de trabalho para garantir a sobrevivência dos flagelados e desvalidos pelos sertões. A cidade de Icó-CE tornou-se uma das localidades de maior destaque e relevância no comércio por ser entroncamento das estradas de boiadas dinamizando o acesso e circulação de mercadorias advinda da PB, RN e PE. Como também, integrava o Cariri cearense, o vale do Jaguaribe até Aracati e Fortaleza. Logo, entre 1887 e 1889, quais impactos a seca proporcionou ao cotidiano social de Icó? Quais beneficiamentos foram angariados para conter tamanha catástrofe?

**Palavras-chave:** Ceará; Icó; Progresso; Seca; Calamidade.

A seca é uma manifestação que abrange uma complexa dinâmica que está vinculada ao sertão nos âmbitos dos fatores climáticos aos parâmetros que regem os interesses políticos no